



# A HISTÓRIA SOCIAL DOS CONTATOS ENTRE O HUNSRÜCKISCH E O PORTUGUÊS EM DOMINGOS MARTINS - ESPÍRITO SANTO

Aparecida da Penha Krohling Christ (PPGEL-UFES)  
[cidinhakrohling@hotmail.com](mailto:cidinhakrohling@hotmail.com)

Edenize Ponzon Peres (UFES)  
[edenizeponzo@gmail.com](mailto:edenizeponzo@gmail.com)

Lucia Helena Peyroton da Rocha (UFES)  
[lhpr@terra.com.br](mailto:lhpr@terra.com.br)

**RESUMO:** Este trabalho objetiva descrever a sócio-história do contato entre o hunsrückisch e o português na ex-colônia de Santa Isabel, atualmente Domingos Martins, Espírito Santo. Santa Isabel foi criada em 1847 e recebeu imigrantes de vários países europeus, como Bélgica, França, Itália e Suíça; todavia, a maioria dos colonos era germânica, e a língua predominante era o hunsrückisch. Os primeiros imigrantes separaram-se geograficamente em função de animosidades advindas de diferenças religiosas, formando dois núcleos: os católicos ficaram em Santa Isabel, enquanto os protestantes radicaram-se na atual Sede do município de Domingos Martins. Para alcançarmos nossos objetivos, realizamos 11 entrevistas com descendentes de imigrantes alemães da faixa etária entre 52 e 86 anos, nascidos e residentes em Santa Isabel e na Sede de Domingos Martins. Também buscamos informações nos Relatórios dos Presidentes da Província do Espírito Santo no período colonial e em obras que tratam dessa imigração, como Wagemann (1949), Raasch (2010), Vieira e Velten (2015), Rölke (2016) e Ferrari (2016). Pelas informações obtidas nas entrevistas e na literatura, até 1938, época em que as línguas estrangeiras foram proibidas pelo governo do então Presidente Getúlio Vargas, havia na colônia um ambiente propício para a manutenção das línguas trazidas pelos imigrantes. Embora os efeitos dessa proibição tenham sido nefastos, a região ainda hoje conta com falantes do hunsrückisch e seus moradores dizem orgulhar-se da cultura herdada de seus ancestrais. Por outro lado, a análise qualitativa dos dados, embasada em Weinreich (1970), Baker e Jones (1998) etc., leva-nos a crer que, nos núcleos urbanos, principalmente na comunidade de Santa Isabel, há um processo de substituição em curso do hunsrückisch.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato linguístico. Imigração alemã no Espírito Santo. Manutenção/substituição linguística. Língua hunsrückisch.

**ABSTRACT:** This paper aims to describe the socio-history of the contact between the Hunsrückisch and Portuguese in the former colony of Santa Isabel, currently Domingos Martins, Espírito Santo. Santa Isabel was established in 1847 and received immigrants from different European countries, such as Belgium, France, Italy and Switzerland; however, most colonists were Germanic, and the predominant language was Hunsrückisch. The first immigrants were separated geographically due to animosities arising from religious differences, forming two nuclei: Catholics stayed in Santa Isabel, while Protestants settled in the current headquarters of Domingos Martins city. To achieve our goals, we conducted 11 interviews with descendants of German immigrants aged 52 to 86 years old, born and resident in Santa Isabel and Domingos Martins Headquarters. We also sought information in the Reports of Presidents of Espírito Santo Province in the colonial period and in works dealing with this immigration, such as Wagemann (1949), Raasch (2010), Vieira and Velten (2015), Rölke (2016) and Ferrari (2016). According to the information obtained in the interviews and in the literature, until 1938, when foreign languages were banned by the government of President Getúlio Vargas, there was a favorable environment in the colony for the maintenance of languages



that were brought by immigrants. Although the effects of this banning have been harmful, the region still has Hunsrückisch speakers and its residents say they are proud of the inherited culture from their ancestors. On the other hand, the qualitative analysis of the data, based on Weinreich (1970), Baker and Jones (1998) etc., leads us to believe that, in urban centers, especially in the Santa Isabel community, there is a process of substitution in Hunsrückisch course.

**KEYWORDS:** Linguistic contact. German immigration in Espírito Santo. Maintenance/language replacement. Hunsrückisch language.

### Introdução

O estado do Espírito Santo se caracteriza pela diversidade linguística, decorrente de sua geografia e do processo de ocupação da terra, especialmente pelo grande número de imigrantes que chegou a partir da metade do século XIX. A colônia de Santa Isabel, criada em 1847 pelo Império Brasileiro, abrigou as primeiras grandes levas de imigrantes europeus – sobretudo germânicos – chegados à então província do Espírito Santo.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo registrar a história do contato linguístico ocorrido na Colônia de Santa Isabel, decorrente do processo de colonização, especificamente em dois núcleos: Santa Isabel, que atualmente é um distrito de Domingos Martins, e Campinho, atualmente a Sede desse mesmo município. Para alcançarmos esse objetivo, foram consultadas obras que tratam da história do Espírito Santo, especialmente da imigração germânica no estado, como Wagemann (1949 [1915]), Raasch (2010), Kuster-Cid (2011), Vieira e Velten (2015), Rölke (2016) e Ferrari (2016), além dos Relatórios dos Presidentes da Província do Espírito Santo no período compreendido entre 01/03/1848 a 09/07/1888, totalizando 52 relatórios<sup>1</sup>.

Valemo-nos igualmente de onze entrevistas, realizadas no período de junho a agosto de 2017, com descendentes de imigrantes alemães da faixa etária entre 52 e 86 anos, sendo oito do sexo feminino e três do sexo masculino, nascidos e residentes nas duas localidades: Santa Isabel (oito informantes) e a Sede de Domingos Martins (três informantes). Todos os nossos entrevistados nasceram e moravam em zonas rurais do

---

<sup>1</sup> Os 52 Relatórios pesquisados estão disponíveis na página eletrônica do Arquivo Público do Espírito Santo: [www.ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2](http://www.ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2).



município de Domingos Martins, mas se mudaram para ambas as comunidades há pelo menos 17 anos. Começamos, então, pela formação da Colônia de Santa Isabel

### **O contexto sócio-histórico da formação da Colônia de Santa Isabel**

A formação da Colônia de Santa Isabel, assim como a de outras destinadas a abrigar imigrantes, deveu-se a uma série de contingências políticas, econômicas e sociais que atingiram a Europa e também o Brasil.

No século XIX, a Europa se deparava com profundas mudanças sociais, econômicas e políticas, as quais levaram inúmeros problemas à população: no campo, havia o êxodo rural provocado pela concentração da terra em grandes propriedades e pela mecanização da lavoura, além das catástrofes naturais que trouxeram muitos prejuízos. Nas cidades, a população se deparava com o subemprego - com jornadas de até 16 horas de trabalho e baixos salários - e o desemprego causados pela Revolução Industrial. E, para todos, o excesso populacional e as guerras e revoluções, ocasionando fome e miséria para a população. Assim, não restaram muitas alternativas a essas pessoas, a não ser emigrar em busca de melhores condições de vida (CAMPOS et al., 1999; MARTINUZZO, 2009).

Por sua vez, nos séculos XVIII e XIX, o Império Brasileiro também vivia um período de profundas transformações sociais, que o levaram a incentivar a imigração. Martinuzzo (2009), citando Tubino (2007), informa que, já em 1729, o Conselho Ultramarino aconselhava o rei de Portugal a investir na recrutação de estrangeiros, especialmente de alemães e italianos, para que ocupassem as regiões do Sul do país, visando à segurança nas fronteiras. Além desses fatores, outros entraram em jogo, para que o Império adotasse a política de trazer estrangeiros para o Brasil, no século XIX: o iminente fim da escravidão e a conseqüente necessidade de pessoas para o trabalho,



especialmente agrícola, além do desejo de *embranquecer* a população<sup>2</sup> (OLIVEIRA, 2008; RAASCH, 2010; SALLETO, 2011).

Dessa forma, as más condições de vida na terra natal, aliadas às promessas de terras férteis e de progresso socioeconômico para os que quisessem imigrar, apregoadas por agentes governamentais brasileiros encaminhados à Europa para os recrutarem, atraíram grandes grupos de europeus para o Brasil (VIEIRA e VELTEN, 2015). Dentro desse contexto, em 1847 foi criada, por iniciativa do Império, a colônia de Santa Isabel, localizada na região onde atualmente é o município de Domingos Martins, Espírito Santo.

Santa Isabel foi a primeira colônia oficial criada na antiga província para receber os futuros imigrantes. O nome foi escolhido por seu Presidente, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, em homenagem à Princesa Isabel, filha de D. Pedro II. A primeira leva de imigrantes foi composta por 39 famílias, totalizando 163 pessoas (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS, 2017)<sup>3</sup>, oriundas da região montanhosa do Hunsrück, na Prússia Renana, que se instalaram na confluência do Braço Norte e do Braço Sul do rio Jucu.

Segundo Raash (2010), os primeiros imigrantes chegaram em três momentos distintos, no intervalo de tempo entre 21/12/1846 e 13/03/1847. Após o desembarque no porto de Vitória, eles permaneceram na Hospedaria da Pedra D'Água - conhecida como Hospedaria do Imigrante -, por algum tempo, sendo pagos para limpar e calçar a praça em frente ao Palácio do Governo (WAGEMANN, 1949). Posteriormente, foram conduzidos até Viana<sup>4</sup>, a localidade mais próxima da Colônia de Santa Isabel.

Quando finalmente chegaram a Santa Isabel, primeiramente os homens e, em seguida, as mulheres e as crianças, carregando o que trouxeram da mudança, foram

---

<sup>2</sup> Segundo Raasch (2010), no início do século XIX, ganhavam força no Brasil ideias eugenistas que defendiam a “pureza racial” como fator impulsionador para o desenvolvimento do país, e “[...] uma das possibilidades colocadas para a resolução do problema era a facilitação da entrada de imigrantes, principalmente europeus, em território brasileiro” (RAASCH, 2010, p. 15).

<sup>3</sup> Há divergências entre os autores consultados quanto ao número de famílias e de imigrantes chegados à Colônia de Santa Isabel: Rocha (1984) menciona 38 famílias e Raash (2010) aponta o total de 165 pessoas. Entretanto, valemo-nos das informações fornecidas no endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Domingos Martins.

<sup>4</sup> De acordo com Rölke (2016), a área destinada à colônia de Santa Isabel foi desmembrada de terras da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viana, então distrito de Vitória.



recebidos pelo inspetor da Colônia, que era também o intérprete, e por alguns índios botocudos, que ali tinham um roçado e suas choças. Nesse momento da chegada, os imigrantes foram surpreendidos com a notícia de que, ao contrário do que fora prometido pelos agentes recrutadores, apenas a metade dos lotes havia sido demarcada e que o caminho até lá teria que ser aberto por eles próprios, em meio à mata virgem. Pouco tempo depois, tiveram que retornar a Viana, por ordem do Governo Imperial, por causa da fuga de alguns indígenas que se abrigaram na floresta. Após retornarem à Colônia, os imigrantes permaneceram por um tempo sob proteção da polícia, pois o governo temia um novo ataque indígena, conforme aponta Wagemann (1949)<sup>5</sup>.

Posteriormente, entre 1855 e 1858, a Colônia recebeu mais 116 imigrantes e, entre 1859 e 1860, 267 novos imigrantes chegaram, a maioria germânica, mas também havia italianos e uns poucos franceses. Conforme os 52 Relatórios Provinciais analisados, no período de 1855 a 1866, a Colônia passou de 213 para 1.125 pessoas, quase todos lavradores e seus familiares. Os imigrantes germânicos – católicos e protestantes – se instalaram em Santa Isabel, mas, pouco tempo depois, os protestantes adentraram o interior e formaram o núcleo de Campinho.

Neste ponto, convém esclarecer aqui as diferenças entre as duas localidades. A Colônia de Santa Isabel foi fundada em 1847, como dissemos. Em 10 de julho de 1866, emancipou-se, deixando de ser Colônia, e, em 08 de outubro de 1891, torna-se o município de Santa Isabel. Por sua vez, o distrito de Campinho foi criado em 1917 e, posteriormente, tornou-se a Sede definitiva do município de Santa Isabel. Em 1921, o município de Santa Isabel ganhou um novo nome: Domingos Martins. Atualmente, Santa Isabel é apenas um dos distritos do município de Domingos Martins (FERRARI, 2016).

À época em que era Colônia, Santa Isabel abrigava os católicos, e a Igreja Católica promovia a aproximação dos brasileiros com os imigrantes, pois todos frequentaram a mesma igreja, em Viana, fundada por açorianos. Por sua vez, Campinho tornou-se o reduto dos luteranos e, de acordo com os autores pesquisados, tratava-se de uma

---

<sup>5</sup> Trata-se da clássica obra de Wagemann, *A colonização alemã no Espírito Santo*, fruto do trabalho realizado durante 4 meses em visita à Colônia. Foi publicado em 1915 na Alemanha e traduzido e publicado posteriormente no Brasil, em 1949.



comunidade mais reclusa. Ali o ensino e os cultos luteranos eram realizados em alemão standard, sendo que a igreja articulava a vinda de professores alemães para ministrarem aulas em Campinho (FERRARI, 2016). Dessa forma, a cultura e a língua alemãs estavam mais presentes nessa comunidade.

### O contexto sociolinguístico da Colônia de Santa Isabel

Os imigrantes destinados à colônia de Santa Isabel eram provenientes de diferentes estados nacionais europeus, os quais ainda não representavam uma unidade, na metade do século XIX. Além disso, a região mais próxima da Colônia, Viana, à qual Santa Isabel permaneceu ligada no início de sua formação, foi fundada em 1813 por 53 famílias açorianas e ainda era composta por escravos, brasileiros livres que buscavam estabelecer-se como pequenos produtores e imigrantes, especialmente germânicos e italianos (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA)<sup>6</sup>.

Do exposto, conclui-se que, em seus primórdios, Santa Isabel era nitidamente plurilíngue, pois ali conviviam pessoas de origens diversas, o que significa que diferentes línguas e suas variedades eram faladas na localidade; entretanto, a maioria era formada por imigrantes germânicos. Os italianos que aí chegaram se concentraram em algumas poucas localidades da Colônia, como Araguaia, separados dos demais imigrantes. Por isso, Raasch (2010, p. 19) afirma que, entre os germânicos, “[...] o dialeto<sup>7</sup> predominante foi o Hunsrück, visto que os imigrantes dali, em sua maioria, provinham da região alemã de mesmo nome”.

O hunsrückisch é uma língua predominantemente oral; todavia, não é correto afirmar que seja uma língua ágrafa. De acordo com Altenhofen (2016), os falantes da língua poderiam escrevê-la, se assim o desejassem; no entanto, historicamente, a escrita

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.viana.es.gov.br/site/pagina/historia>. Acesso em: 20 ago. 2017.

<sup>7</sup> A distinção entre língua e dialeto é complexa, pois não há consenso sobre os critérios usados para distinguir ambos os conceitos. Segundo Couto (2009), não há diferença linguística entre língua e dialeto, servindo ambos à interação de uma comunidade. Todavia, como afirma esse autor, o termo *dialeto* traz uma grande carga de preconceito. Dessa forma, para evitar essa conotação negativa, assumimos neste trabalho que o hunsrückisch é uma língua.



em alemão era realizada em hochdeutsch, o alemão standard. O autor afirma que há uma tradição escrita em hunsrückisch e menciona as publicações de Padre Balduino Rambo, Alfredo Gross, Lily Clara Koetz e José Inácio Flach, além de textos avulsos em jornais ou almanaques e revistas, como o Brumbärkalender e o Sankt Paulus Blatt, que fazem parte da história dessa língua no Brasil. A essa lista, acrescenta-se o jornal luterano “O Semeador”, de Porto Alegre-RS, que também editava artigos em hunsrückisch<sup>8</sup>.

Também nas comunidades de origem de nossos entrevistados era o hunsrückisch a língua falada pelos imigrantes e seus descendentes, como atesta o depoimento a seguir:

**Entrevistadora:** *Até que período senhora acha que foram faladas outras línguas, nessa região, como o hunsrückisch?*

**Informante H.B.:** *Não, era o hunsrückisch. O alemão, só falavam os pastores ou quando a família do pastor falava com os colonos. Os hunsrückis falavam o alemão padrão. Fora isso, a comunicação com a família é toda no dialeto.*

**Entrevistadora:** *Em toda a região?*

**H.B.:** *Em toda a região.*

O hunsrückisch ainda continuou sendo falado por muitos anos, na Colônia. Raasch (2010), ao analisar 17 casos policiais arrolados entre 1859 e 1888, constatou que foram convocados intérpretes para traduzir as falas e os testemunhos em sete desses processos, “[...] reforçando a premissa de que o idioma alemão<sup>9</sup> foi durante muito tempo predominante ao português, principalmente entre os protestantes” (RAASCH, 2010, p. 126).

À época da visita de Wagemann a Santa Isabel, em 1915, ou seja, 60 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, o hunsrückisch ainda era falado pela maioria da

<sup>8</sup> Comunicação pessoal do pesquisador capixaba André Kuster Cid em 28 de janeiro de 2018, recebida por correio eletrônico.

<sup>9</sup> O idioma alemão a que se refere Raasch (2010), em realidade, é o hunsrückisch, conforme atestamos nesta seção.

população, contrariando a Lei da Terceira Geração, conforme indica vários autores dos Contatos Linguísticos. Nos termos de Coulmas (2005)<sup>10</sup>,

A migração geralmente leva à substituição linguística dentro de três gerações. Para os monolíngues da primeira geração, a língua 1 é a escolha padrão. A língua dominante da sociedade alvo continua sendo uma língua estrangeira para a maioria deles. Seus filhos vão crescer bilíngues, falando a língua 1 em casa e a língua 2 na maioria dos outros domínios. Eles têm uma escolha real entre as línguas 1 e 2, mas, a menos que continuem a usar a língua 1 no lar, a terceira geração provavelmente terá a língua 2 como dominante, se não for monolíngue. (COULMAS, 2005, p. 158)

Wagemann (1949) utilizou a expressão *língua do colono*, para se referir à linguagem utilizada pelos imigrantes e seus descendentes. Em seu livro, além das expressões *Die Vende* (a venda), *Fregesen* (fregueses), *Truppe* ou *Troppe* (tropa) e *Lotts* (lotes), o autor apresenta uma listagem contendo algumas palavras do vocabulário dos colonos relacionadas à alimentação e ao trabalho, sendo algumas delas típicas das terras capixaba e brasileira. Alguns exemplos estão no Quadro a seguir.

Quadro 2: Vocabulário dos colonos.

PORTUGUÊS		Linguajar dos colonos	Alemão
1. PESSOAS E PROFISSÕES			
Arriero	m	Arriero	Führer der Maultiertruppe
Caboclo	"	Kabockel	Einheimischer, Farbiger, Lusobrazilianer
Camareada	"	Kamerad	Führer, Begleiter, Diener
Capanga	"	Kapanga	Gedungener Mörder, Bandit, Raufbold
Capixaba	"	Kapixaba	Spitzname für den Kapirito Bantenser
Caixeiro	"	Kascheiro	Kassierer, Ladengehilfe, Kontorist
Fazendeiro	"	Fazendeiro	Grossgrundbesitzer
Freguês	"	Fregese	Kunde
Mineiro	"	Mineiro	Ein aus Minas Gerais Stammender, inbes. Wanderhändler.
Tropeiro	"	Tropeiro	Maultier, Eseltreiber.
Vendeiro	"	Vendist	Krämer

<sup>10</sup> No original: "Migration often leads to language shift within three generations. For the monolingual speakers of the first generation L1 is the default choice. LE, the dominant language of the target society, will remain a foreign language for most of them. Their children will grow up bilinguals, speaking L1 at home and L2 in most other domains. They have a real L1/L2 choice, but unless they continue to use L1 domestically, the third generation is likely to be L2 dominant if not monolingual". (COULMAS, 2005, p. 158). Tradução nossa.

PORTUGUÊS		Linguar dos colonos	Alemão
3. VERDURAS E TUBÉRCULOS			
Aipim	m	Ehpi	Manniock
Batata	f	Batate	Süsee Kartoffel.
Cará	m	Kára f	
Taiá, taioba	f	Taja, Tajobe	Sonstige Knollengewächse.
Inhame	m	Jams	
Chuchu	"	Schuschú	Eine Kürbisart.

Fonte: Wagemann (1949, p. 93-94).

Neste trabalho, não serão abordados os aspectos linguísticos do contato entre o hunsrückisch e o português em Santa Isabel. Em estudos futuros, esses temas serão abordados. Na próxima seção, trataremos de dois dos fatores mais importantes para a manutenção ou a substituição do hunsrückisch na ex-Colônia de Santa Isabel - atualmente, o município de Domingos Martins: a religião e, estreitamente relacionada a ela, a educação dos descendentes de imigrantes germânicos.

### **A religião e a educação como fatores de manutenção/substituição do hunsrückisch**

Raasch (2010) atribui a manutenção do hunsrückisch por tantos anos à religião protestante dos imigrantes. Muitos destes eram luteranos e, devido à liberdade religiosa assegurada pelo Império brasileiro<sup>11</sup>, a manutenção da fé protestante propiciou o uso da língua ancestral. Devido a essa liberdade, na Colônia de Santa Isabel ocorreu uma divisão dos colonos de acordo com a confissão religiosa. Segundo Wagemann (1949), o sistema de economia fechada dos colonos impunha o isolamento econômico e também espiritual,

<sup>11</sup> Conforme consta do Relatório da Província de 23/05/1861, o Presidente José Fernandes da Costa Pereira Junior afirma ter feito recomendações ao padre católico para que evitasse insultos ao culto protestante, posto que “[...] a nossa lei constitucional ao mesmo tempo que reconhece o catholicismo como a religião do estado, tolera e respeita as outras e sustenta a liberdade de consciência como hum principio inconcusso” (RELATÓRIO PROVINCIAL, 1861, p. 71).



agravado pelo estilo de povoamento da colônia. Nas palavras do autor (WAGEMANN, 1949, p. 30),

Em virtude da situação geográfica e de ser a sede da paróquia luterana, lá se erguendo a igreja protestante, Campinho tornou-se o centro comercial da comunidade do mesmo nome. Passa-lhe, próximo, a estrada de ferro, isto é, a menos de uma hora a cavalo.

Ao contrário de Campinho, onde os habitantes, com umas duas exceções, são protestantes, Santa Isabel tem uma população constituída apenas de católicos, ao todo, 200 a 300 alemães e brasileiros. É a sede da câmara municipal, da paróquia, aí se alçando a igreja matriz. A distribuição profissional nesse lugarejo é semelhante à de Campinho. Como lá, não vivem aí alemães agricultores<sup>12</sup>, e a maioria absoluta dos residentes são artífices e negociantes.

Também Raasch (2010, p. 176) salienta o contato dos alemães católicos com os brasileiros, na antiga Colônia:

O relativo isolamento não impediu que os colonos de Santa Isabel mantivessem contatos com a população brasileira, tanto de capixabas quanto de migrantes nordestinos e mineiros instalados na Colônia. Vislumbramos situações em que alemães e seus descendentes, principalmente católicos, mantinham relações sociais entre si e com brasileiros, através do comércio e da frequência à igreja, sendo estes os principais pontos de encontro para se divertirem, cumprirem seus deveres religiosos, encontrar parentes e obter informações sobre os acontecimentos.

Dessa forma, o contato entre os grupos germânicos e os brasileiros foi muito mais intenso entre os católicos. Sobre esse aspecto, Wagemann (1949, p. 90) afirma que “[...] a Igreja Católica atua, de certo modo, no sentido de misturar o elemento alemão e o nativo”. Igualmente Raasch (2010, p. 139), nos processos criminais que analisou, encontrou evidências de que a Igreja Católica “[...] se converteu como espaço de encontro dos colonos alemães também com os brasileiros”.

---

<sup>12</sup> Cabe destacar que, mesmo os agricultores que não moravam nesses núcleos, os frequentavam, em função do comércio e da igreja. Sobre esses espaços, RAASCH (2010, p. 120) nos diz que: “Neles se estabeleceram, além das Igrejas, os demais espaços públicos de convívio coletivo como: as escolas, as vendas, a administração, e, mais tarde o quartel e Subdelegacia, os últimos três apenas no Povoado de Santa Isabel. Os colonos frequentavam os povoados, principalmente para cumprir suas obrigações religiosas, momento que aproveitavam para adquirir mercadorias no comércio local, beber com os conhecidos e saber sobre as últimas notícias ocorridas na Colônia”



De acordo com Wagemann (1949), no período inicial da colonização, antes das primeiras colheitas, apesar de os imigrantes terem recebido alguma ajuda do Presidente da Província, inclusive financeira, em alguns momentos os protestantes passaram fome devido à dificuldade de adquirir produtos. Segundo o autor, a população católica de Viana não queria vender-lhes alimentos e, entre os motivos, estaria a inimizade confessional.

Por outro lado, os católicos receberam auxílio religioso desde o início da fundação, tanto da Colônia de Santa Isabel quanto da Colônia de Santa Leopoldina. Os trabalhos eram conduzidos por religiosos alemães, enviados pela Missão dos Irmãos do Verbo Divino. Segundo Wagemann (1949), as paróquias atendiam também os católicos que não falavam alemão e como o ensino, muitas vezes, era realizado pelos párocos, frequentavam as aulas os filhos de brasileiros e de imigrantes. Wagemann, (1949, p. 28) destaca que “em regra, os filhos dos nativos e os dos imigrantes frequentam, juntos, as aulas, e põem-se à margem as distinções de nacionalidade e de raça”.

No Relatório do Presidente da Província de 25/05/1854, consta que a diferença religiosa gerava inimizade e brigas entre os colonos e que os protestantes requeriam a presença de um pastor. Mas somente após 10 anos da fundação da colônia, a reivindicação dos protestantes foi atendida e eles receberam os primeiros pastores do Consistório Evangélico. No entanto, os dois primeiros morreram subitamente - o pastor König, em 1858, e o pastor Held, em 1859 -, levantando-se a suspeita de que teriam sido envenenados pelos católicos (WAGEMANN, 1949; WILLEMS, 1980; VIEIRA e VELTEN, 2015; RÖLKE, 2016). Porém, de acordo com Tschudi (2004 [1860]), o primeiro pastor morreu em virtude de enfraquecimento progressivo e o segundo, de febre tifoide.

Por muito tempo, as muitas e graves divergências entre católicos e protestantes chegaram a prejudicar o ensino na colônia. Devido à falta de professores, os dirigentes espirituais - tanto o padre como o pastor - exerciam essa função, e as desavenças religiosas foram decisivas para a educação dos descendentes dos imigrantes e a consequente manutenção/substituição linguística. Dessa feita, os filhos dos protestantes assistiam



aulas com pastores que falavam o alemão standard<sup>13</sup>, enquanto os filhos dos católicos tinham aula com padres ou com professores designados pelo Governo que somente falavam português, forçando a sua assimilação por parte dos descendentes de imigrantes católicos. Em todo caso, a educação no estado era considerada bastante deficiente, o que gerou sua desaprovação, à época.

Como exemplo, temos Wagemann (1949, p. 91), que, ao fazer menção à educação dos descendentes de imigrantes germânicos do Espírito Santo, teceu críticas à atuação governamental:

Os imigrantes alemães, assim como os filhos mais velhos, possuíam instrução primária, adquirida na Alemanha. No começo da colonização, os mais jovens não tiveram oportunidades regulares de aprender a ler, escrever e contar. O ensino caseiro ministrado, por vezes, pelas mães e irmãos mais velhos, não preenchia a absoluta falta de escolas. Assim, quase toda a segunda geração de colonos cresceu sem receber instrução. Realizando um esforço admirável, uma porção deles, depois de adultos, aprendeu a deletrear mas a maioria permaneceu analfabeta [...]

Ainda hoje, o ensino de que a juventude desfruta se restringe ao mais elementar. O aprendizado dura pouco. Frequentam-se a escola, durante 2 anos, três vezes semanalmente, ou no espaço de três anos, 2 vezes por semana. O dia escolar tem 4 a 5 horas.

Nos 52 Relatórios Provinciais, encontram-se alguns dados que explicam a precária situação da educação dos descendentes de imigrantes em Santa Isabel, no período compreendido entre 1850 a 1886: a pouca frequência às aulas por parte das crianças, dada a exigência de seu trabalho na lavoura (Relatórios de 25/06/1850, 24/05/1852, 25/05/1859 e 23/05/1866); a recusa de pais protestantes em enviar seus filhos para terem aulas com professor católico (Relatório de 25/05/1854); a demissão/remoção de professores (Relatórios de 25/05/1855 e 08/03/1856); a exigência do ensino da língua portuguesa e o incentivo à fusão da população estrangeira com a nacional (Relatório de 01/01/1861); e a

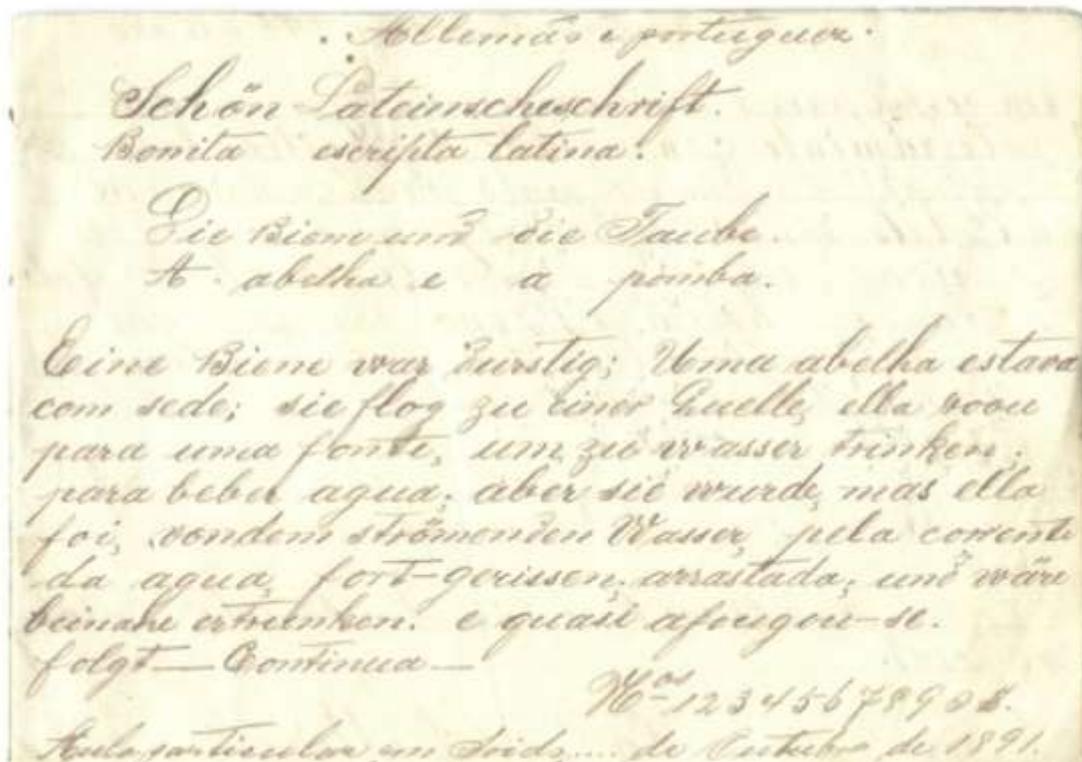
---

<sup>13</sup> Ferrari (2016) afirma que os pastores, impossibilitados de dar aulas em todas as comunidades em função da distância e da dificuldade de locomoção, preparavam os alunos mais velhos que obtinham destaque nas aulas para exercer essa função nas comunidades. Tendo estes recebido instrução em alemão standard, era essa a língua repassada às crianças.

destinação de escolas de acordo com o sexo dos alunos, sendo que as destinadas para os meninos eram maioria (Relatórios de 18/09/1875 e 05/10/1886)<sup>14</sup>.

Com respeito à língua ensinada nas escolas, pelas informações obtidas nos Relatórios Provinciais, na literatura (WAGEMANN, 1949; RAASCH, 2010; FERRARI, 2016; RÖLKE, 2016) e nas entrevistas realizadas, podemos afirmar que, até 1937 - antes da Campanha de Nacionalização do Ensino, de Getúlio Vargas -, a instrução primária era realizada somente em alemão standard ou nas duas línguas - português e alemão -, como comprova a imagem a seguir, que apresenta a cópia de um caderno de 1891, do avô de uma de nossas entrevistadas.

Fotografia 1 – Caderno de aulas de 1891, com lição bilíngue



Fonte: Acervo pessoal da família Littig.

<sup>14</sup> Além desses problemas, durante o período provincial, outros mais foram citados por nossos entrevistados, ao se referirem aos antepassados. Entre os informantes, é recorrente o testemunho da falta de escolas - e as consequentes largas distâncias a serem percorridas pelas crianças para chegarem até elas - como um empecilho ao acesso à educação, fazendo com que a evasão escolar fosse alta e, por conseguinte, a escolaridade dos mais idosos tenha sido sempre muito baixa.



Vemos, portanto, que a religião e a educação das crianças descendentes de imigrantes favoreceram a manutenção da língua ancestral pelos protestantes, concentrados em Campinho, e sua substituição pelo português, por parte dos católicos que permaneceram na vila de Santa Isabel.

Além da religião e do ensino, outros fatores incidiram sobre a preservação ou não das línguas dos imigrantes em ambas as comunidades, como veremos na próxima seção.

### **Outros fatores de manutenção/substituição linguística na Colônia de Santa Isabel**

Vários são os fatores que levam uma comunidade de imigrantes a continuar falando a língua de seus ancestrais ou a parar de usá-la, substituindo-a pela língua oficial do país de acolhimento – fatores de ordem política, social, demográfica, cultural e linguística (BAKER; JONES, 1998). Dentre eles, dois se destacam para esclarecer a história dos contatos linguísticos na Colônia de Santa Isabel.

O primeiro, decorrente dos fatores que foram referidos na seção anterior, é o casamento interétnico. Apesar da divergência religiosa, que foi destacada inclusive nos relatórios oficiais, Wagemann (1949) constatou, durante a sua viagem às terras capixabas, em 1915, que já não havia mais rixas entre católicos e protestantes; contudo, observou o pouco contato e os raros casamentos ocorridos entre os fiéis dos dois grupos. Dessa forma, as famílias formadas por cônjuges alemães luteranos tiveram maior facilidade em manter sua língua materna sendo falada no domínio do lar.

Por outro lado, ocorreu a miscigenação e uma das principais causas foi a construção da BR 262, na segunda metade do século XX, que melhorou o acesso à região. Assim, tanto os homens que foram trabalhar nessa obra, como os funcionários de outras empresas, como correios e bancos, acabaram se casando com pessoas da localidade, o que também contribuiu para a substituição da língua ancestral entre as novas gerações.

Em nossas entrevistas, o casamento interétnico também foi apontado como motivo para a não transmissão do hunsrückisch dos pais a seus filhos:



**Entrevistadora:** *Por que a senhora não ensinou o alemão para os filhos da senhora?*

**L.M.S.T.:** *A gente não ensinou porque o marido num falava nada.... ele era moreno.... ela sabe (dirigindo-se a uma outra entrevistada) que ele não era uma pessoa branca... então ele não falava nada... então eu falar em alemão... não pegava bem....*

Outro fator para a substituição do hunsrückisch foi a proibição de se falarem línguas estrangeiras no Brasil, imposta pelo Presidente Getúlio Vargas. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil declarou apoio aos Aliados (Estados Unidos, França e Inglaterra) contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), a vida e a cultura dos moradores da região foram fortemente abaladas. O alemão, assim como o italiano, foi terminantemente proibido, sob pena de prisão.

Segundo Ferrari (2016), à época, as lápides com inscrições em alemão foram destruídas, cobertas ou substituídas; o lustre da Igreja Luterana, que continha inscrição em alemão, foi coberto; bíblias e hinários foram queimados; pastores foram perseguidos e presos. A religião foi permitida, mas o culto não poderia ser celebrado em alemão e, por isso, leigos foram preparados para assumir as atividades da Igreja. Obviamente, o efeito foi devastador para a manutenção das línguas de imigração, pois as pessoas tinham muito medo de serem denunciadas, e o receio não acabou com o fim da Guerra.

Ferrari (2016) afirma que muitas das características da colonização de Campinho, de maioria luterana, foram perdidas por causa da Guerra, inclusive a transmissão do alemão. Segundo a autora, devido às perseguições sofridas, “[...] Muitos ficaram com medo ou vergonha de falar alemão e retomar costumes culturais” (FERRARI, 2016, p. 47). O medo de represálias e de banimento do país que assombrou os descendentes de imigrantes não se restringiu a período da Segunda Guerra, como observamos nos depoimentos de nossos entrevistados:

**Entrevistador:** *Por que a senhora acha que o alemão deixou de ser falado pelos descendentes?*



**E.W.:** *Eu não falei? A proibição... Eu não sei se proibiram o italiano, mas o alemão. Pra quê? Pra que fazer isso, não é verdade?*

**L.R.S.:** *Quando criança não... só falava em alemão<sup>15</sup>... tudo alemão, os velhos, vovô P. só falava em alemão [...]*

**Entrevistador:** *Você nasceu em que ano?*

**L.R.S.:** *14 de maio de 56.*

**Entrevistador:** *Quer dizer, já tinha passado o período de proibição...*

**L.R.S.:** *Tinha, mas eles tinham medo de falar e ensinar [...]*

Por fim, como consequência da proibição, a língua portuguesa passa a exercer uma forte pressão na região, a partir da Segunda Guerra, sendo o fator mais recorrente, apontado por 08 dos 11 entrevistados, para a interrupção da transmissão da língua de seus pais.

**L.M.S.T.:** *É. Porque depois foi acabando, né? Foram chegando os brasileiros e eles eram mais forte né? Começou a ser tudo português, como até hoje, né?*

O preconceito linguístico também é mencionado como um dos fatores responsáveis pela substituição do hunsrückisch na região, sendo apontado por três de nossos entrevistados:

**Entrevistador:** *A senhora sofreu algum preconceito na escola?*

**H.L.E.:** *É porque, na verdade, meu irmão que falava só o alemão em casa. Não é que ele não falava o português, mas ele tinha muita dificuldade, e isso, tá... Isso causava constrangimento, né? Porque riam, né? e foi por isso que a gente foi perdendo.... [...]*

<sup>15</sup> A entrevistada se refere ao hunsrückisch.



**Entrevistador:** *Essas crianças que falavam em alemão.....muitas tinham vergonha...*

**L.R.S.:** *Sim....porque implicavam, né?*

**Entrevistador:** *Quem implicava?*

**L.R.S.:** *Todo mundo.... Até a professora se ouvisse falando, cortava: "Fala direito, menino, não fala coisa que ninguém entende não!"*

**Entrevistador:** *Mesmo vocês que são descendentes de alemães?*

**L.R.S.:** *Nós não, né? (risos)....era tudo da roça igual.....os meninos da rua era os que mais implicavam.*

Uma importante causa da substituição do hunsrückisch pelo português, mencionada por nossos entrevistados, é a visão que a escola tem de que as línguas de imigração são um empecilho para o ensino e a prática do português:

**H.B.:** *A criança quando sai do núcleo familiar e vai para a escola, ele não quer mais falar a língua de casa. Isso tem muito a ver quando a professora não quer que ele fale com os amigos ou na sala de aula. E quando ela não entende, eu acho que não está bem resolvido com a questão dela entender outra língua, então ela não quer que os alunos se comuniquem no dialeto ou na língua da região, porque eles vão estar falando coisas aí e quem nunca entende é a professora (rs).*

*[...] Aí eu fui lá, no setor de educação. Isso foi há 35, 40 anos atrás. Aí eu fui pedir um espaço onde eu pudesse dar aula de língua alemã, pra esses filhos desses pais que me pediram. A chefe de educação, que na época não se chamava secretária, acho que era delegada, alguma coisa assim, ela me disse assim: Mas, puxa, você agora vem querendo ensinar o alemão para as crianças e nós temos tanto trabalho ainda para tirar o alemão das crianças e ensinar o português, e você vem querer ensinar o alemão?*

Em resumo, observamos que alguns fatores contribuíram mais fortemente para a manutenção do hunsrückisch, no início da colonização de Santa Isabel (cf. BAKER; JONES, 1998): a) a religião fez com que luteranos e católicos não se unissem, o que promoveu a separação dos dois grupos; b) embora a Colônia se encontrasse próxima à



capital, o acesso era dificultado pela falta de boas estradas, gerando um certo isolamento da localidade; c) a maioria da população trabalhava na lavoura e, portanto, o domínio da língua majoritária não era necessário para a obtenção de emprego; d) havia uma forte ligação de identidade cultural com a terra natal; e d) a escolarização, até meados do século XX, restringia-se aos primeiros anos do que se conhecia por ensino primário; portanto, havia pouca ação governamental na prestação de serviços à população e, então, pouca pressão da escola em favor da língua portuguesa.

Atualmente, há o reconhecimento, por parte da administração de Domingos Martins, da importância do hunsrückisch e também do pomerano para o município, que se orgulha de ainda contar com falantes dessas línguas e de valorizar a cultura herdada dos primeiros colonizadores. Todavia, nossos entrevistados relatam que, na zona urbana, poucos são os jovens que sabem o hunsrückisch, sendo ele mais falado no interior do município, o que significa um risco para a sua sobrevivência.

### Considerações finais

Percebemos, pelos depoimentos de nossos entrevistados e pela paisagem urbana, que tanto Santa Isabel quanto a Sede de Domingos Martins – ainda muito conhecida por Campinho – estão sofrendo modificações muito aceleradas. Há uma verticalização nos espaços urbanos e, de acordo com os relatos, muitos moradores da Grande Vitória procuram a região em busca de tranquilidade e segurança para os filhos.

Quanto à análise dos fatores de manutenção e/ou substituição linguística, embasada em teóricos dos Contatos Linguísticos, leva-nos a crer que, nesses núcleos urbanos, há um processo em curso de total substituição do hunsrückisch, principalmente na comunidade de Santa Isabel.

Esta pesquisa não teve a pretensão de fornecer dados conclusivos sobre o processo de manutenção ou substituição das línguas de imigração, porém mostra-se relevante na medida em que lança, pela primeira vez, um olhar para os contatos linguísticos na primeira colônia de imigrantes do Espírito Santo e compila dados históricos que



facilitarão estudos sociolinguísticos posteriores. Esperamos despertar o interesse de outros pesquisadores para a riqueza linguística dessa região e para o enorme campo de estudos que o município de Domingos Martins oferece.

Além desta, outras investigações precisam ser realizadas no interior do município, onde essas línguas estão mais presentes, a fim de valorizar e promover cada vez mais esse patrimônio cultural do estado – a língua hunsrückisch.

### REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. **Escrever em Hunsrückisch**: entrevista com Cleo Altenhofen. 2016. Disponível em: <http://e-ipol.org/?s=hunsrick>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BAKER, C.; JONES, S. P. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd., 1998, p. 182. Adapted from Conklin & Lourie, 1983.

CAMPOS, Mintaha Alcuri.; COSTA, Maria Cilda Soares da.; FRANCO, Sebastião Pimentel; HEES, Regina Rodrigues. **Correntes imigratórias no Espírito Santo: alemães, italianos e libaneses: uma visão didática para o ensino fundamental e médio**. Vitória, ES: EDUFES, 1999.

COULMAS, F. **Sociolinguistics**; the study of speakers' choices. Cambridge: Cambridge Press, 2005, p.220-231.

COUTO, H. H do. **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

FERRARI, J. **Domingos Martins e a tradição luterana: 150 anos de seu templo**. Vitória, ES: Grafitusa, 2016.

KUSTER-CID, A. História da Imigração Alemã no Espírito Santo. In: I Simpósio Brasileiro sobre Imigrações e Cultura Alemãs, 2011, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Instituto Cultural Carl Hoepke, 2011. Disponível em: <http://www.institutocarlhoepke.com.br/publicacoes/>. Acesso em: 29 jan. 2018.

MARTINUZZO, J. A. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**= Deutschsprachige im bundesstaat Espírito-Santo. Vitória, ES: Governo do Estado do Espírito Santo, Secretaria da Cultura, 2009.

OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. Coleção Canaã, volume 08. Disponível em [www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br). Acesso em: 05 mar. 2014.



PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS. **Imigração**. Disponível em: <<http://www.domingosmartins.es.gov.br/conheca-domingos-martins/historia/imigracao.html>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA. **História do Município**. Disponível em: <<http://www.viana.es.gov.br/site/pagina/historia>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

RAASCH, S. **A colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847 – 1889)**. 2010. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES), 2010.

**RELATÓRIOS PROVINCIAIS**. Biblioteca Digital. Relatórios e Mensagens do Período Imperial (1842-1888). Disponível em: <https://ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2>. Acesso em: 09/08/2017 a 25/08/2017.

ROCHA, G.; MARTINS, I. L. **Imigração estrangeira no Espírito Santo: 1847-1896**. 1984. vi, 163f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

RÖLKE, H. **Raízes da Imigração Alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo**. Vitória, ES. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SALETTI, N. **Donatários, colonos, índios e jesuítas; o início da colonização do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011. Coleção Canaã, volume 13. Disponível em [www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br). Acesso em: 04 mar. 2014.

TSCHUDI, J. J. **Viagem à Província do Espírito Santo: Imigração e Colonização Suíça, 1860**. Posfácio de Cilmar Franceschetto. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2004 (Coleção Canaã; v. 5).

TUBINO, Nina. **A germanidade no Brasil**. Porto Alegre: Sociedade Germânia, 2007.

VIEIRA, J. E.; VELTEN, J. G. **Os italemães na terra dos botocudos**. Vitória, ES: Grafitusa, 2015.

WAGEMANN, E. **A colonização Alemã no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.

WILLENS, Emilio. **Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 14 de novembro de 2019.